



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS GEOGRÁFICAS

GABRIEL HIGOR DO NASCIMENTO SILVA

O MARACATU DE BAQUE SOLTO NO ENSINO DA GEOGRAFIA ESCOLAR

Recife

2025

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS GEOGRÁFICAS
GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA

GABRIEL HIGOR DO NASCIMENTO SILVA

O MARACATU DE BAQUE SOLTO NO ENSINO DA GEOGRAFIA ESCOLAR

Trabalho de Conclusão de
Curso apresentado ao
Departamento de Ciências
Geográficas, DCG, da
Universidade Federal de
Pernambuco, como parte dos
requisitos necessários à
obtenção do título Licenciatura
de Geografia.

Orientador: Fredson Pereira da
Silva

Recife
2025

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do programa de geração automática do SIB/UFPE

Nascimento Silva, Gabriel Higor do.

O Maracatu de Baque Solto no Ensino da Geografia Escolar / Gabriel Higor do Nascimento Silva. - Recife, 2025.

32

Orientador(a): Fredson Pereira da Silva

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal de Pernambuco, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Geografia - Licenciatura, 2025.

1. ensino de Geografia. 2. Maracatu de Baque Solto. 3. territorialidade. 4. educação básica. 5. cultura popular. I. Silva, Fredson Pereira da . (Orientação). II. Título.

910 CDD (22.ed.)


GABRIEL HIGOR DO NASCIMENTO SILVA

O MARACATU DE BAQUE SOLTO NO ENSINO DA GEOGRAFIA ESCOLAR

TCC apresentado ao Curso de Licenciatura em Geografia da Universidade Federal de Pernambuco, Campus Recife, como requisito para a obtenção do título de Licenciada em Geografia.

Aprovado em: 16/04/2025.

BANCA EXAMINADORA

Documento assinado digitalmente
 **FREDSON PEREIRA DA SILVA**
Data: 13/06/2025 16:37:49-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Fredson Pereira da Silva (Orientador)

Universidade Federal de Pernambuco

Prof^a. Dra. Ana Caroline Damasceno Souza de Sá (Examinador interno)

Universidade Federal de Pernambuco

Prof^a. Me. Débora Cristina Guedes (Examinador externo)

Universidade de Pernambuco

Dedico este trabalho a todos que acreditaram em mim, jamais esquecerei de cada abraço amigo, a vocês toda minha gratidão. A todos amantes da cultura popular e ao Maracatu Carneiro Manso, este último sendo a maior inspiração para esta pesquisa. Que possamos preservar o nosso patrimônio cultural imaterial, que o respeito sempre prevaleça e o preconceito não encontre espaço.

Agradecimentos

Antes de tudo, gostaria de agradecer a Deus por tudo, por nunca ter desistido de mim, por sempre ouvir minhas orações, por me dar forças nos momentos que mais precisei e por me permitir viver meus sonhos e realizá-los. Desde aqueles três dias mágicos do EJC, de abril de 2019, que cessaram quaisquer dúvidas possíveis a respeito. Obrigado!

Agradecer a minha mãe Patrícia e meu pai Edemilson [Menca], que tanto batalharam para que seus filhos conseguissem realizar sonhos, principalmente abdicando dos seus. Obrigado mainha e papai, por terem me apoiado em cada decisão, me incentivar em cada desafio, por nunca deixar faltar nada dentro de casa e me amparar em cada queda. Vocês são a minha base, minha fortaleza, o meu maior orgulho. Agradeço a Deus todos os dias por ter me dado uma família tão maravilhosa. Amo muito vocês.

A minha irmã Lisley [Nany], minha parceira de EJC e amiga para todas as horas. Agradeço por cada abraço, cada risada, cada palavra de apoio. Obrigado por me apoiar desde a minha escolha e sustentar algumas batalhas por mim. Agradeço a Deus por sua vida, você foi indispensável nessa caminhada sempre me dando a mão.

Ao meu cunhado Rafael, que acreditou em mim, e que me enriquecia com nossas conversas no início da minha vida acadêmica. Obrigado por me ajudar sempre que necessário, nada disso foi em vão.

Ao meu orientador Professor Dr. Fredson Pereira, que me auxiliou e sempre se mostrou disposto para contribuir. Meu eterno reconhecimento pela sua sabedoria, competência e paciência, que foram essenciais para a realização desta pesquisa. Muito obrigado.

Aos meus parentes, entre tios (as), primos (as), e avó, que sempre celebram minhas conquistas. Amo cada um de vocês.

Aos meus amigos, tanto da universidade como do ônibus, a famosa “turma do fundão”, que direta e indiretamente contribuíram com minha jornada até aqui,

que estiveram presentes comigo em todos os momentos. Sou um ser humano melhor por ter vocês. Vocês foram fundamentais para minha permanência na universidade. Amo vocês.

Por fim, meu sincero agradecimento a todos que, de alguma forma, fizeram parte desta etapa tão importante na minha vida. Vocês moram em meu coração e levarei cada um de vocês comigo na minha jornada. Para aqueles amigos que eu não vejo faz um tempo, saibam que eu estou bem, e tudo de bom que me ocorreu, almejo que se manifeste o dobro na vida de vocês.

“Saber que temporais são temporários é o que me faz desistir de desistir”
Black Mc - 2019

Resumo

O presente trabalho de conclusão de curso tem como objetivo analisar de que forma o ensino do Maracatu de Baque Solto pode ser abordado no contexto da Geografia escolar, contribuindo para a formação cultural, territorial e humana dos alunos da educação básica. A pesquisa adota metodologia bibliográfica e documental, analisando o Maracatu de Baque Solto (M.B.S.) como manifestação cultural afro-brasileira e seu potencial no ensino geográfico. Discute-se o histórico da manifestação, sua simbologia, territorialidade e presença em políticas públicas, como a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), além de sua abordagem em materiais didáticos e escolas da Zona da Mata de Pernambuco. O estudo reflete sobre as metodologias pedagógicas adotadas, o papel das Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (TDICs), a formação docente e os desafios da inclusão. Os resultados indicam que o uso do M.B.S. como conteúdo em sala de aula amplia o letramento geográfico e favorece práticas educativas contextualizadas, inclusivas e significativas. Conclui-se que a valorização da cultura popular no ensino de Geografia fortalece a identidade dos sujeitos e promove o reconhecimento do patrimônio cultural imaterial nas práticas escolares.

Palavras-chave: ensino de Geografia; Maracatu de Baque Solto; territorialidade; educação básica; cultura popular.

ABSTRACT

This thesis aims to analyze how the teaching of Maracatu de Baque Solto can be approached within the context of school Geography, contributing to the cultural, territorial, and human development of basic education students. The research adopts a bibliographic and documentary methodology, analyzing Maracatu de Baque Solto (M.B.S.) as an Afro-Brazilian cultural manifestation and its potential in geographic education. It discusses the history of the manifestation, its symbolism, territoriality, and presence in public policies, such as the National Common Curricular Base (BNCC), as well as its treatment in teaching materials and schools in the Zona da Mata region of Pernambuco. The study reflects on the pedagogical methodologies adopted, the role of Digital Information and Communication Technologies (TDICs), teacher training, and the challenges of inclusion. The results indicate that the use of M.B.S. as content in the classroom enhances geographic literacy and promotes contextualized, inclusive, and meaningful educational practices. It concludes that the valorization of popular culture in Geography education strengthens the identity of students and fosters the recognition of intangible cultural heritage in school practices.

Keywords: Geography education; Maracatu de Baque Solto; territoriality; basic education; popular culture.

Lista de Ilustrações

Figura 1 – Apresentação do Cortejo de Maracatu de Baque Solto em Upatininga - PE

Lista de Abreviações

BNCC – Base Nacional Comum Curricular

IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

LDB – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional

M.B.S. – Maracatu de Baque Solto

TDIC – Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação

Sumário

1. Introdução	14
2. Objetivos	18
2.1 Objetivo Geral	18
2.2 Objetivos Específicos	18
3. O Maracatu de Baque Solto: Uma Leitura Histórico-Geográfica.....	19
3.1 Maracatu e Turismo Culutral	21
4. Dimensões Teóricas do Maracatu de Baque Solto: Cultura, Espaço e Identidade.....	22
5. Tecnologias Digitais e Inclusão no Ensino da Cultura Popular em Geografia.....	23
6. Metodologia.....	25
7. Resultado e Discussões.....	27
8. Considerações Finais	29
9. Referências	31

1. Introdução

O maracatu de baque solto é uma manifestação cultural e religiosa, que foi deixada como heranças pelos negros que vieram da África para o Brasil no período colonial. Essa manifestação cultural desempenha um papel importante nas festas populares do nordeste brasileiro, contribuindo assim, para a preservação da cultura afro-brasileira. Historicamente vinculado ao ciclo carnavalesco, o maracatu de baque solto tem expandido sua visibilidade e influência, especialmente a partir da década de 1990, por meio da inserção em diferentes espaços socioculturais. A participação de grupos e brincantes em campanhas publicitárias, palestras, festivais, eventos políticos, congressos acadêmicos e projetos culturais têm contribuído para a ressignificação da manifestação, promovendo sua circulação para além das festividades tradicionais.

Maakaroun (2005) destaca que, a partir dos estudos realizados, já não é possível estabelecer uma data específica para o surgimento do maracatu de baque solto. Conforme a autora, sabe-se que essa manifestação cultural emergiu no contexto dos canaviais da Zona da Mata de Pernambuco. Ainda segundo Maakaroun, foi na década de 1930 que o maracatu de baque solto passou a ganhar destaque nas ruas do Recife, enquanto expressão dos grupos brincantes.

Artistas anônimos, caboclos, baianas, reis e rainhas, que desfilam nos Maracatus de Baque Solto, pelas ruas e engenhos pernambucanos, representam a resistência e o apego da gente humilde às tradições culturais. São donas de casa, trabalhadores autônomos e canavieiros, que deixam tudo de lado, para cair na brincadeira, nos dias de Carnaval (MAAKAROUN, 2005, p. 31).

A palavra “brincadeira”, como destaca Maakaroun (2005), é um termo utilizado pelos próprios participantes dos grupos para falar sobre o mesmo. O autor também destaca que o maracatu de baque solto consiste em um apito que anuncia o início da tocada em que serão cantadas músicas com perguntas, feita por quem está no apito, conhecido como mestre e a resposta vêm do contramestre junto com os batuqueiros. Os instrumentos utilizados no baque solto consistem em serem instrumentos de percussão.

Estudar o maracatu de baque solto é ir além da manifestação cultural em si, abrange as dinâmicas socioespaciais que o envolvem. Essa expressão cultural está intrinsecamente ligada às condições socioeconômicas dos trabalhadores das lavouras de cana-de-açúcar da Zona da Mata Norte de Pernambuco, evidenciando as desigualdades territoriais e a ausência de políticas públicas efetivas para o fortalecimento das culturas populares. Apesar das dificuldades, como a precarização do trabalho no campo e a falta de investimentos estruturais na cultura local, o baque solto se manteve vivo como uma forma de resistência e afirmação identitária.

A afirmação de que a “natureza humana” “é o” “conjunto das relações sociais” é a resposta mais satisfatória inclui a ideia do devenir: o homem “devém”, transformar-se continuamente com as transformações das relações sociais; e, também, porque nega o “homem geral”: de fato, as relações sociais são expressas por diversos grupos de homens que se pressupõem uns aos outros, cuja unidade é dialética e não formal (Gramsci, 1986, p. 43).

No início do século XX, a prática do maracatu era permitida apenas dentro dos engenhos e sob vigilância dos senhores de terra, evidenciando um processo de (in) subordinação que remete ao conceito gramsciano de hegemonia e contra hegemonia. Ao abordar a cultura popular e suas manifestações, Antonio Gramsci (1986) destaca o papel dos sujeitos históricos na construção e na manutenção das tradições culturais, especialmente em contextos de desigualdade e dominação. No caso do maracatu de baque solto, essa dinâmica se manifesta na resistência dos trabalhadores da zona da mata norte de Pernambuco, que, apesar das adversidades impostas pelas relações de poder, conseguiram manter viva essa tradição.

Nesse sentido, os brincantes do baque solto podem ser compreendidos como intelectuais orgânicos, pois, por meio da cultura, constroem espaços de resistência e transformação social dentro de um sistema que historicamente os marginalizou. Ao longo do tempo, o maracatu de baque solto não apenas resistiu às adversidades, mas também se firmou como uma importante

manifestação de luta e afirmação identitária vinculada ao território e à cultura pernambucana.

O maracatu de baque solto, já abordado como manifestação cultural de raízes profundas em Pernambuco, constitui uma expressão artística que ultrapassa os limites da música e da dança, podendo ser utilizado como recurso didático no ensino de diferentes disciplinas, como a geografia. Segundo o antropólogo Roberto Benjamin, o maracatu de baque solto é “uma das mais originais e complexas manifestações da cultura popular brasileira” (BENJAMIN, 1998, p. 82). Essa complexidade, que articula dimensões históricas, sociais, espaciais e ambientais, permite o trabalho com conceitos geográficos de maneira interdisciplinar e contextualizada.

A Geografia, enquanto campo científico que analisa as interações entre sociedade e ambiente, identifica no maracatu de baque solto um objeto de estudo relevante para compreender as dinâmicas territoriais e culturais. Segundo a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), é fundamental que os estudantes desenvolvam a capacidade de “experimentar, recriar e fruir danças populares do Brasil e do mundo e danças de matriz indígena e africana, valorizando e respeitando os diferentes sentidos e significados dessas danças em suas culturas de origem”. Nesse contexto, o maracatu de baque solto emerge como uma manifestação cultural que, ao se expressar em diversos territórios, evidencia as transformações socioespaciais e as interações entre comunidades, natureza e cultura

Esse processo não apenas fortalece a economia criativa associada ao maracatu ao longo do ano, mas também impacta elementos simbólicos e performáticos da manifestação. As mudanças são perceptíveis na evolução dos desfiles, na estética dos emblemas e adereços, na estrutura organizacional dos grupos, bem como nas narrativas poéticas e musicais que compõem o repertório da brincadeira.

Assim, este estudo busca analisar as transformações do baque solto diante de sua inserção em novos contextos e as implicações territoriais e culturais dessa dinâmica no espaço geográfico.

Dessa forma, realizar aulas sobre o maracatu de baque solto pode ser observado como uma ferramenta importante para aperfeiçoar o processo de

ensino e aprendizagem, criando assim uma formação mais cultural, territorial e humanizada para os alunos.

Diante disso, o presente trabalho propõe discutir como o Maracatu de Baque Solto pode ser explorado pedagogicamente no ensino de Geografia, destacando suas contribuições para práticas inclusivas, reflexivas e de territorialidades. A pesquisa parte da seguinte questão-problema: Como o Maracatu de Baque Solto é abordado no contexto do ensino de Geografia escolar?

2.1 – Objetivo Geral

Analisar como o Maracatu de Baque Solto é abordado no ensino de Geografia no Ensino Fundamental, especialmente em escolas públicas da Zona da Mata Pernambucana, considerando sua presença em livros didáticos, legislações educacionais e práticas docentes.

2.2 – Objetivos Específicos

- Compreender o processo histórico e geográfico do Maracatu de Baque Solto.
- Investigar a partir de uma dimensão teórica, as principais características do Maracatu de Baque Solto.
- Analisar o papel das Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (TDICs) na promoção de práticas inclusivas e acessíveis no ensino de Geografia com foco na cultura popular.

3. O Maracatu de Baque Solto: Uma Leitura Histórico-Geográfica

Os primeiros maracatus rurais surgiram entre o fim do século XIX e o início do século XX, nos engenhos da cidade de Nazaré da Mata, na Zona da Mata Norte de Pernambuco. Os fundadores dessas manifestações eram, em sua maioria, agricultores e trabalhadores dos canaviais. A tradição, popularmente chamada de “maracatu rural”, tornou-se motivo de orgulho local, não apenas pela expressão artística, mas também pelo esforço coletivo dos brincantes, que passam meses confeccionando suas fantasias e adereços antes do carnaval.

Conforme Lima (2014), os maracatus apresentam variações rítmicas e estilísticas no uso de instrumentos como mineiro, tarol, gonguê, cuíca e bombo, além das diferentes formas de manipulação das baquetas. Já Maakaroun (2005) observa que é impossível estabelecer uma data precisa para o surgimento do Maracatu de Baque Solto, mas sua origem está relacionada aos canaviais da Zona da Mata, onde, a partir da década de 1930, o maracatu passou a ocupar as ruas do Recife como manifestação brincante.

O termo “brincadeira” é utilizado pelos próprios participantes para se referir à manifestação. A brincadeira é iniciada por um apito, comandado pelo mestre, que conduz o cortejo por meio de perguntas cantadas, respondidas pelo contramestre e os batuqueiros. A composição percussiva e a oralidade reforçam o caráter identitário do Maracatu de Baque Solto, expressando, ao mesmo tempo, celebração e resistência.

De acordo com o IPHAN (2013), o maracatu tem matriz indígena e se consolidou como “brincadeira” nos momentos de respiro e alegria diante das duras rotinas de trabalho nos engenhos. Essa prática, portanto, é também uma forma de folga e de expressão simbólica das comunidades rurais.

A estrutura dos desfiles envolve figuras centrais como os caboclos de lança — considerados a linha de frente dos grupos —, além do arreiamá (com papel espiritual), o bandeirista e a corte real (rei, rainha, dama do paço e

boneca calunga). Essa composição evidencia a complexidade simbólica do maracatu, conectando elementos de tradição, identidade e territorialidade.

A configuração do desfile do Baque Solto evidencia a complexidade simbólica dessa manifestação, reforçando a interação entre tradição, identidade cultural e territorialidade. A organização dos personagens e suas funções dentro do grupo revelam camadas de significados que dialogam com a história social da Zona da Mata Norte de Pernambuco, espaço onde essa expressão cultural se consolidou e continua a se transformar.

Personagens do maracatu com o Caboclo de Lança são encontrados em relatos já no final do século XIX. Conforme memórias, eles teriam sido conhecidos pelo nome de “mulungus”, isto é, “coisa de caboclo”. Os Caboclos de Lança geralmente causavam medo quando apareciam nos povoados e cidades, sozinhos ou em duplas, e não raro provocavam arruaças e brigas entre si – cabe ressaltar que o termo “maracatu” também significava bagunça, confusão (Sena, 2014).



Fonte: Gabriel Higor (2025).

A geografia do maracatu é observada nos espaços onde se desenvolvem os ensaios e sambadas. A partir de setembro, os grupos se mobilizam para ensaios em praças e ruas, geralmente com apoio de comércios locais. Já as sambadas ocorrem à noite e são marcadas por disputas poéticas

entre mestres, que reafirmam a oralidade e a cultura popular como formas de resistência.

Vieira (1999) ressalta que “a sambada é um importante elemento para a continuidade do maracatu de baque solto (maracatu rural), pois é através dessas reuniões que os participantes mantêm viva a tradição e fortalecem os laços comunitários.”

Ao compreendermos o maracatu como um fenômeno geográfico, observamos a relação entre os sujeitos e seus territórios. Segundo Carlos (2007), o lugar é o espaço vivido, apropriado e significado. No caso do maracatu, essa apropriação se dá por meio da expressão cultural e da resistência frente às adversidades sociais e econômicas.

O maracatu também se relaciona com o turismo cultural. Desde meados do século XX, o crescimento do turismo e a valorização de identidades locais fizeram com que o Maracatu de Baque Solto passasse a ser incorporado por instituições como o Estado e o trade turístico

3.1 Maracatu e Turismo Cultural

Na década de 1950, o turismo passou por uma transformação significativa, impulsionada pela diversificação do perfil dos consumidores. A busca por destinos que integrassem atrativos naturais, históricos, culturais e uma crescente pela valorização do patrimônio e das identidades locais. Paralelamente, as discussões sobre sustentabilidade ganharam força, enfatizando a necessidade de práticas turísticas que minimizassem impactos ambientais e sociais negativos. Esse novo modelo de turismo passou a ser concebido não apenas como uma atividade econômica, mas como um elemento de desenvolvimento territorial, promovendo benefícios diretos para as comunidades receptoras.

Conforme Oliveira (2010), o turismo passou por transformações ao buscar integrar elementos culturais, naturais e históricos. O maracatu, antes marginalizado, passou a ser símbolo da identidade pernambucana. Artistas como Alceu Valença e Chico Science utilizaram suas estéticas, ampliando seu alcance nacional.

Essa resignificação trouxe desafios: a mercantilização da cultura e a tensão entre tradição e espetáculo. Apesar disso, a visibilidade impulsionou políticas de valorização cultural, como a Lei Estadual nº 18.206/2024, que institui o Dia do Maracatu no calendário oficial de Pernambuco, celebrado em 1º de agosto. Essa lei reforça a importância do reconhecimento institucional da cultura popular no espaço público e educativo.

4. Dimensões Teóricas do Maracatu de Baque Solto: Cultura, Espaço e Identidade

A compreensão teórica do Maracatu de Baque Solto exige uma análise que vá além de sua dimensão festiva, reconhecendo-o como uma manifestação cultural estruturada sobre dinâmicas territoriais, sociais e simbólicas. Para Gramsci (1986), a cultura popular é um campo de disputas simbólicas, e seus agentes — mesmo os não intelectuais formalizados — são responsáveis por produzir saberes e resistências. Os brincantes, nesse contexto, podem ser compreendidos como intelectuais orgânicos, pois seus saberes tradicionais são construídos e transmitidos dentro de um sistema historicamente excludente.

A estrutura do maracatu é complexa e carregada de símbolos. O cortejo, com suas figuras centrais — caboclos de lança, corte real, arreiamá, bandeirista e calunga — representa um espaço dramático em que se encenam papéis sociais, crenças e memórias coletivas. As roupas bordadas, as guiadas e os movimentos performáticos compõem uma linguagem visual e ritualística que comunica valores e afirma identidades.

Chartier (1990) contribui com o conceito de “práticas e representações”, que permite entender as manifestações culturais como construções sociais em constante negociação. Os sujeitos do maracatu, ao se apropriarem do espaço público com seus corpos e expressões, transformam o território em lugar de pertencimento, memória e resistência.

A territorialidade expressa no Maracatu de Baque Solto está presente não apenas nos cortejos, mas também nos processos de preparação coletiva: os ensaios, sambadas e confecção das fantasias tornam-se formas de ocupação simbólica dos espaços. Segundo Carlos (2007), o lugar é vivido e

construído pelos corpos que o ocupam. “É o espaço possível de ser sentido, pensado e apropriado e vivido através do corpo” (CARLOS, 2007, p.17).

Callai (2005) reforça que o espaço é marcado pelas histórias vividas e contadas pelas pessoas que o habitam. No caso do maracatu, cada grupo traz em si uma trajetória que reflete as dinâmicas sociais e econômicas de sua comunidade. Assim, a manifestação adquire contornos de resistência, ancestralidade e pertencimento.

Ainda segundo Santos (1996), o espaço geográfico é o resultado da interação entre sistemas de objetos e sistemas de ações. Nesse sentido, o Maracatu de Baque Solto torna-se parte do espaço geográfico, pois integra pessoas, símbolos, práticas e territórios. Sua performance envolve não apenas uma ocupação física, mas uma construção simbólica do espaço.

A oralidade, por sua vez, é elemento essencial para a transmissão do conhecimento no maracatu. As sambadas, por exemplo, consistem em embates poéticos entre mestres de diferentes grupos, reafirmando a tradição da palavra falada como instrumento de expressão cultural. Esses momentos são, como aponta Vieira (1999), fundamentais para manter viva a tradição e fortalecer os vínculos comunitários.

5. Tecnologias Digitais e Inclusão no Ensino da Cultura Popular em Geografia

As transformações tecnológicas do século XXI impactaram profundamente o modo como se ensina e aprende nas escolas. No contexto da Geografia escolar, as Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (TDICs) representam ferramentas potentes para promover práticas educativas inovadoras, inclusivas e conectadas com o universo dos estudantes. Quando aplicadas ao ensino da cultura popular, como o Maracatu de Baque Solto, as TDICs possibilitam o resgate de tradições, o acesso a novos repertórios culturais e o fortalecimento da identidade territorial.

As TDICs não devem ser vistas apenas como instrumentos técnicos, mas como ambientes pedagógicos que favorecem a construção colaborativa do conhecimento. De acordo com Assmann (2009), o professor atua como

mediador e orientador nesse processo, estimulando a reflexão crítica dos alunos sobre os conteúdos trabalhados. No caso do maracatu, a mediação docente pode se dar por meio de vídeos documentais, entrevistas com mestres de maracatu, mapas interativos dos territórios dos grupos, podcasts com sambadas e produções audiovisuais realizadas pelos próprios estudantes.

A BNCC, ao enfatizar a valorização das danças e manifestações culturais de matriz africana, oferece respaldo para a inserção de conteúdos sobre o Maracatu de Baque Solto no currículo. As tecnologias digitais potencializam essa abordagem ao permitir o acesso a acervos virtuais, museus interativos e redes de cultura popular. Além disso, possibilitam a criação de projetos multimídia, como documentários escolares, apresentações digitais e plataformas de pesquisa colaborativa.

Outro aspecto fundamental é o papel das TDICs na promoção da inclusão. Ferramentas de acessibilidade como leitores de tela, legendas, audiodescrição e interfaces simplificadas tornam o conteúdo acessível a estudantes com deficiência visual, auditiva ou intelectual. As plataformas digitais também permitem a personalização da aprendizagem, respeitando o ritmo e os estilos de aprendizagem dos alunos.

A utilização das tecnologias em sala de aula, porém, exige formação docente contínua. O professor de Geografia precisa desenvolver competências digitais e pedagógicas para explorar criticamente essas ferramentas. Nesse sentido, é fundamental que as políticas públicas de educação contemplem a formação inicial e continuada dos professores, garantindo o uso consciente e ético das tecnologias.

Por fim, ao integrar o Maracatu de Baque Solto às TDICs, a escola amplia sua função social, tornando-se espaço de reconhecimento cultural, inclusão e inovação. A cultura popular, quando mediada pelas tecnologias, ultrapassa os limites físicos da sala de aula e se conecta com os territórios vividos, com as histórias das comunidades e com as vozes que, historicamente, foram silenciadas.

6. Metodologia

Esta pesquisa foi construída com base em uma abordagem qualitativa, de caráter exploratório e interpretativo, com o objetivo de analisar como o Maracatu de Baque Solto pode ser inserido no ensino de Geografia a partir da perspectiva da cultura popular. A escolha por esse tipo de abordagem se justifica pela natureza do objeto de estudo, que envolve elementos simbólicos, culturais, territoriais e subjetivos.

A metodologia adotada foi a pesquisa bibliográfica e documental, conforme definido por Gil (2002), que afirma que a pesquisa bibliográfica é desenvolvida a partir de material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos. Já a pesquisa documental baseia-se em fontes primárias que ainda não receberam tratamento analítico aprofundado, como leis, documentos institucionais e registros oficiais.

Foram utilizados como fontes principais: livros acadêmicos, artigos científicos, teses e dissertações disponíveis em bases como Scielo, Google Acadêmico, periódicos CAPES e repositórios universitários. Também foram analisados documentos oficiais como a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), a Lei nº 10.639/2003 e a recente Lei Estadual nº 18.206/2024, que institui o Dia do Maracatu no calendário oficial de Pernambuco.

Além disso, foram consideradas informações provenientes de sites de grupos de Maracatu de Baque Solto, vídeos, imagens e conteúdos audiovisuais disponíveis em plataformas digitais, com o intuito de aproximar o estudo da realidade prática e territorial dessas manifestações.

O trabalho também analisou a presença do Maracatu de Baque Solto em materiais didáticos do ensino fundamental e sua abordagem em práticas escolares de escolas públicas da Zona da Mata Norte de Pernambuco. Essas análises buscavam identificar como a manifestação é representada, compreendida e trabalhada no contexto educacional.

Por fim, a análise do material selecionado foi feita a partir de referenciais teóricos que tratam da relação entre espaço, cultura e identidade, com destaque para autores como Gramsci (1986), Carlos (2007), Santos (1996), Chartier (1990), Callai (2005), entre outros, buscando compreender a manifestação cultural como recurso pedagógico e expressão territorial.

7. Resultado e Discussões

A análise dos dados obtidos por meio da revisão bibliográfica e documental permitiu identificar que o Maracatu de Baque Solto é uma manifestação cultural que possui grande potencial para o ensino de Geografia, especialmente no que diz respeito à valorização dos saberes populares, à construção do território e à promoção de práticas pedagógicas inclusivas e significativas.

Um dos principais resultados encontrados diz respeito à escassez de abordagens diretas sobre o maracatu nos livros didáticos do ensino fundamental, embora haja menções generalizadas a manifestações culturais nordestinas. Quando o tema aparece, muitas vezes está restrito ao contexto carnavalesco, desconsiderando sua dimensão histórica, social e geográfica. Isso revela a importância de promover um ensino que vá além do currículo oficial e reconheça os saberes locais como parte integrante da formação cidadã dos estudantes.

A partir da BNCC, foi possível observar que o ensino de Geografia deve contemplar conteúdos que valorizem a diversidade cultural, o respeito às diferenças e o reconhecimento de saberes populares. O documento orienta o uso de práticas pedagógicas que considerem o território vivido dos alunos. Nesse sentido, o Maracatu de Baque Solto representa um elemento importante da realidade sociocultural das escolas localizadas na Zona da Mata Norte de Pernambuco.

Outro dado relevante é a presença crescente do maracatu em espaços educacionais por meio de projetos interdisciplinares, apresentações escolares e feiras culturais. Essas iniciativas, ainda que pontuais, revelam o interesse de professores e alunos em trabalhar com temáticas que dialogam com a cultura local. Muitas vezes, as atividades são organizadas pelos próprios docentes, sem apoio de políticas públicas ou formação continuada específica.

No que se refere à inclusão e às TDICs, identificou-se que vídeos, podcasts, entrevistas com mestres e o uso de plataformas digitais têm sido utilizados para enriquecer as aulas. No entanto, a adoção dessas tecnologias ainda é desigual e depende fortemente da infraestrutura da escola e do preparo

do professor. O uso das TDICs, quando bem mediado, mostrou-se eficaz para aproximar os estudantes do universo simbólico e territorial do maracatu, além de possibilitar o acesso de alunos com deficiência aos conteúdos por meio de recursos de acessibilidade.

As reflexões indicam que o ensino do Maracatu de Baque Solto pode ser uma poderosa ferramenta de diálogo entre o conhecimento científico e os saberes populares, contribuindo para a construção de um ensino de Geografia mais próximo da realidade dos estudantes e alinhado às diretrizes educacionais que valorizam a pluralidade cultural.

8. Considerações Finais

As reflexões sobre o ensino do Maracatu de Baque Solto na Geografia evidenciam sua relevância para a valorização cultural e a inclusão escolar. Ao integrar essa manifestação à prática pedagógica, é possível abordar conteúdos geográficos de forma dinâmica, relacionando identidade, território e cultura. Ao reconhecer o Maracatu como um elemento estruturante da vida social e cultural da Zona da Mata Norte de Pernambuco, o ensino dessa expressão amplia o entendimento sobre as relações históricas e geográficas da região.

Assim, as práticas pedagógicas em Geografia devem ser planejadas de forma a colocar o aluno como protagonista no processo de ensino e aprendizagem. Atividades que promovam participação e desenvolvimento são fundamentais para engajar todos os estudantes. Entretanto, para que essa abordagem seja efetiva, é fundamental que os professores estejam preparados para trabalhar com metodologias que conectem os conteúdos formais da Geografia ao contexto cultural dos alunos, garantindo uma educação mais contextualizada e dinâmica. Para isso, os professores precisam adaptar suas estratégias didáticas, utilizando recursos tecnológicos capazes de atender às necessidades individuais de seus alunos e promover o desenvolvimento de suas habilidades, autonomia e inclusão.

A escola se torna verdadeiramente inclusiva quando reconhece e incorpora as manifestações populares ao processo educativo, promovendo práticas pedagógicas que aproximam os alunos de suas raízes e ampliam sua compreensão sobre o território em que vivem. Nesse contexto, o ensino do Maracatu de Baque Solto na Geografia possibilita uma abordagem dinâmica e significativa, permitindo que os estudantes explorem aspectos históricos, sociais e culturais dessa manifestação.

A abordagem do Maracatu de Baque Solto no ensino de Geografia pode se beneficiar de recursos didáticos diversificados, como materiais audiovisuais, mapas interativos e atividades práticas que conectem os alunos à manifestação cultural de forma dinâmica. O uso dessas estratégias permite que os estudantes compreendam melhor os aspectos geográficos, históricos e sociais

dessa expressão popular, promovendo uma aprendizagem significativa e incentivando a valorização das tradições locais.

Bueno, Melo e Neto (2011) analisam as concepções de educação e cultura popular presentes no pensamento de Paulo Freire, destacando a relevância de incorporar elementos culturais locais no processo educativo. No caso da Geografia, o uso de recursos como globos interativos, maquetes inclusivas e ferramentas de geolocalização adaptadas pode enriquecer o aprendizado e contribuir para que todos os estudantes se sintam incluídos e valorizados no processo de ensino.

Portanto, o uso de tema do maracatu de baque solto no ensino de geografia não apenas facilita o acesso aos conteúdos, mas também promove a autoestima e a confiança dos alunos, permitindo que eles enfrentem desafios e alcancem seu pleno potencial. A valorização da territorialidade nas aulas transforma o ambiente escolar em um espaço verdadeiramente inclusivo, no qual todos têm a oportunidade de aprender, crescer e se desenvolver.

9. Referências

AMORIM, M. A. Maracatu: baque virado e baque solto. Recife: Folha de Pernambuco, 2011.

ASSMANN, Hugo. Reencantamento do mundo: o saber popular e a educação. Petrópolis: Vozes, 2009.

BARBOSA, Virgínia. Caboclo de Lança. Fundação Joaquim Nabuco, Recife, 2018. Disponível em: <https://pesquisaescolar.fundaj.gov.br/pt-br/artigo/caboclo-de-lanca/>. Acesso em: 27 ago. 2021.

BENJAMIN, Roberto. Folclore brasileiro: Pernambuco. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 1998.

BESSONI E SILVA, G. P. Maracatu de Baque Solto: de brincadeira a patrimônio cultural. Caderno Virtual De Turismo, v. 21, n. 2, p. 113–126, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.18472/cvt.21n2.2021.1943>.

BRANCO, Priscila de Sousa Barbosa. As competências que o professor deve ter para ensinar. São Luís: Uemanet, 2019.

BRASIL. Base Nacional Comum Curricular. Brasília: MEC, 2018. Disponível em: <https://basenacionalcomum.mec.gov.br>. Acesso em: 10 jun. 2025.

BRASIL. Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003. Altera a LDB para incluir no currículo oficial a obrigatoriedade do ensino da História e Cultura Afro-Brasileira. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, p. 1, 10 jan. 2003.

BRASIL. Pernambuco. Lei nº 18.206, de 11 de janeiro de 2024. Institui o Dia do Maracatu no calendário oficial do Estado de Pernambuco. Diário Oficial do Estado de Pernambuco, Recife, 12 jan. 2024.

BUENO, Wilson José; MELO, Sérgio Ricardo; NETO, João Francisco de Souza. Educação e cultura popular: um olhar freireano sobre a prática pedagógica. São Paulo: Editora XYZ, 2011.

CALLAI, Helena Copetti. O ensino de geografia e a construção da cidadania. Porto Alegre: Mediação, 2005.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. Espaço-tempo na metrópole. São Paulo: Contexto, 2007.

CHARTIER, Roger. A história cultural: entre práticas e representações. Lisboa: Difel, 1990.

CHIZZOTTI, Antonio. Pesquisa em Ciências Humanas e Sociais. 11. ed. São Paulo: Editora Cortez, 2010.

FERREIRA, Welleson de Barros; JUNIOR, José Bartolomeu dos Santos. Maracatu de Baque Solto: aspectos de resiliências culturais e sagrados. História UNICAP, Recife, PE, Brasil, v. 10, n. 20, p. 37–54, 2023. DOI: <https://doi.org/10.25247/hu.2023.v10n20.p37-54>.

FONSECA, H. Pernambucânia: o que há nos nomes das nossas cidades. 3. ed. Recife: CEPE, 2013.

GIL, Antonio Carlos. Como elaborar projetos de pesquisa. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GRAMSCI, Antonio. Os intelectuais e a organização da cultura. 6. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1986.

IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Registro do Maracatu de Baque Solto como Patrimônio Cultural do Brasil. Brasília: IPHAN, 2014.

LÉTOURNEAU, J. Ferramentas para o pesquisador iniciante. Tradução de Ivone C. Benedetti. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.

LIMA, Ivaldo Marciano de França. Maracatus e Maracatuzeiros: desconstruindo certezas, batendo alfayas e fazendo história. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2006.

MEDEIROS, R. B. Maracatu rural: luta de classes ou espetáculo? Tese (Doutorado em Serviço Social) - Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2003.

MUNHOZ, G. B. Geografia Escolar contextualizando a sala de aula. Org. Sonia Vanzella Castellar. 1.ed. Curitiba, PR, 2014.

SANTOS, Milton. A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção. São Paulo: Hucitec, 1996.

VIEIRA, José Otávio. A manifestação do Maracatu de Baque Solto na Zona da Mata Norte de Pernambuco. Recife: Fundarpe, 1999.

ZANON, C. R.; MENDES, J. L. A formação docente e a prática pedagógica: desafios e possibilidades. Revista Educação em Perspectiva, v. 5, n. 1, p. 35-50, 2009.